

SÉRIE V . VOLUME 3

O ARQUEÓLOGO PORTUGUÊS



MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA
IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA, 2013

In Memoriam

Justino Mendes de Almeida
(1924-2012)



Recordando Justino Mendes de Almeida (Benavente, 1924; Lisboa, 2012)

JOÃO LUÍS CARDOSO

Evocar a memória do Doutor Justino Mendes de Almeida constituiria para mim disposição do espírito que se impunha, não fosse também uma oportuna ocasião para pessoalmente recordar o seu espírito atento e exigente, sempre disponível e generoso, de uma lealdade sem mácula, qualidades que explicam os amigos e admiradores que foi granjeando no decurso da sua vida longa e operosa.

Era um académico, um Humanista à maneira do Renascimento, cujo fulgor, avesso a exteriorizações descabidas de erudição, se manifestava sempre de forma objetiva e útil, fosse sobre o rigor da transcrição e interpretação de uma dada passagem de um texto clássico, fosse sobre a leitura de uma desgastada epígrafe milenar, que, qual campo fecundo, melhor lhe permitia evidenciar a vastidão da sua cultura.

A figura de Luís de Camões despertava-lhe carinhoso afeto e admiração, a ponto de, na Academia Portuguesa da História, de que foi por longos anos o Primeiro Vice-Presidente até à data do seu falecimento, a evocar ano após ano, por alturas do dia 10 de junho, destacando-se a diversidade das abordagens que adotava, que bem sublinham a profundidade dos seus conhecimentos, a par da criatividade do seu espírito.

A sua longa e aturada meditação e estudo permitiram que atingisse o patamar enunciado por Roland Barthes: «Nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível.» Testemunhei pessoalmente esse anseio do seu espírito, que só conseguiu concretizar tarde na vida, ao ser, enfim, progressivamente liberto de responsabilidades públicas desde muito cedo assumidas.

Ao contrário de muitos, que irremediavelmente se lamentam de não terem, na altura própria, relegado as responsabilidades da alta administração, que conferem poder e visibilidade, mas roubam a seiva do pensamento para sempre, assumiu-as sem que delas tivesse alguma vez retirado qualquer proveito pessoal – pois as entendia como «missões» a cumprir – procurando compatibilizá-las com o ofício de Humanista.

Na casa que possuía na sua terra natal, Benavente, em fins de semana propícios ao recolhimento profícuo, entregava-se totalmente ao prazer da leitura, da meditação e da escrita, no seio dos livros que tanto amava, ali produzindo muitos dos seus estudos.

Cedo foi chamado a desempenhar responsabilidades públicas na alta administração do seu País, que culminaram com o exercício do difícil cargo de Subsecretário de Estado da Administração Escolar, no período conturbado de 1968-1971, justificado pelo seu bom desempenho como Presidente da Junta de Investigações do Ultramar (1961-1968), função iniciada logo que concluído o doutoramento em Filologia Clássica na Universidade de Lisboa, em 1961.

Em 1977, assumiu as funções de Vice-Presidente do então recém-criado Instituto Português do Património Cultural, onde mais uma vez evidenciou a sua capacidade de administrar as coisas e gerir os homens, tão diversas aquelas quanto desconhecidos os interesses tantas vezes manifestados por estes! No decurso de tais mandatos, foi clara a importância que atribuiu à atividade arqueológica, a qual se encontrava então sob sua jurisdição prova disso foi também a sua nomeação, no ano de 1980, para a Comissão Directiva do Museu Nacional de Arqueologia, conjuntamente com os saudosos amigos Caetano de Mello Beirão e Carlos Penalva. Tal realidade foi, aliás, cedo comprovada aquando da presidência do Grupo de Missões Científicas do Zambeze, no âmbito da qual se desenvolveram os primeiros estudos de impacto ambiental na componente arqueológica realizados em todo o espaço então português, no âmbito da construção do empreendimento hidroelétrico de Cabora Bassa.

Se dúvidas houvesse sobre a importância que o nosso homenageado conferia à Arqueologia, bastaria reler as palavras por si proferidas na qualidade de Subsecretário de Estado, na sessão inaugural do II Congresso Nacional de Arqueologia, realizado em 1970 em Coimbra, transcritas no primeiro volume das respetivas atas.

Mas a importância da sua obra humanística, que não desmereceu a da sua carreira pública, justificou compilação em dois volumes, reunindo os contributos considerados mais significativos, publicados pela Academia Portuguesa da História em parceria com a Universidade Autónoma de Lisboa. Mais tarde, a Academia Portuguesa da História, sentindo o muito que devia a quem tão empenhada e desinteressadamente a tinha servido, dedicou-lhe, em 1999, volume de Homenagem, por ocasião do seu cinquentenário de atividade científica, sob o sugestivo título *Studium Dilectum*, cuja apresentação foi acompanhada de uma exposição bibliográfica da sua vasta obra.

Era um espírito simples, disponível e generoso, tanto para aqueles que dele se abeiravam, como para a Sociedade e as suas agremiações: assoberbado pelas suas funções, jamais deixava de assistir às reuniões das numerosas academias, associações e sociedades científicas a que pertencia, desde aquelas onde detinha

altas responsabilidades – como a Academia Portuguesa da História e a Academia das Ciências de Lisboa, onde, à data do seu passamento, era o Inspetor (Diretor) da sua preciosa biblioteca – até àquelas de que era simples associado. Foi o último Presidente do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, agremiação oficial sediada no Museu Nacional de Arqueologia, cujo acervo transitou, com o seu acordo, para o referido Museu. No órgão científico deste, *O Arqueólogo Português*, publicou diversos contributos do foro epigráfico, destacando-se estudo sobre antropónimos de origem germânica em inscrições alto-medievais do norte de Portugal. Outros estudos de índole epigráfica, especialmente de epigrafia romana, foram dados à estampa em numerosas revistas, como a *Arqueologia e História* e a *Revista de Guimarães*, por vezes em parceria com o seu grande amigo e companheiro das lides arqueológico-epigráficas, Fernando Bandeira Ferreira, em série intitulada *Varia epigraphica*.

Como colega e seu companheiro mais novo, recorro a sua proverbial disponibilidade, já Reitor da Universidade Autónoma de Lisboa, ao ter acedido, a meu pedido, para elaborar uma evocação nos 400 anos da publicação da segunda edição, em Roma, no ano de 1597, da célebre obra de André de Resende, *De antiquitatibus Lusitaniae libri quatuor*, ensaio que me dedicou, simplesmente por ter sido eu o responsável por mais aquela sua inquietação que, como sempre, soube cumprir pontualmente.

Recordo, ainda, a generosidade com que aceitou a integrar a lista por mim encabeçada às eleições de 1999 da Associação dos Arqueólogos Portugueses, quando os resultados eram mais do que incertos, conforme depois se verificou. Foi, ainda, essa disposição do seu espírito, que justificou a sua participação na Sessão Académica de 20 de março de 2002, quando tomei posse da Cadeira n.º 9 da Academia Portuguesa da História, pertencente ao Prof. Dr. Manuel Farinha dos Santos, tendo-se encarregado da Resposta ao Recipiendário, em nome do Conselho Académico, de forma simples, despreziosa e rigorosa, como era seu timbre, onde a generosidade se confundia já com a Amizade.

Foi, aliás, a Amizade, que a partir de certo momento entre nós se estreitou, misto de discreta mas viva admiração e de mútuo entendimento, mais subentendido do que explícito, que explica a proposta, apresentada em 2002 à Direção da Sociedade de Geografia de Lisboa, de que era então o 1.º Vice-Presidente, para que eu ali assumisse a liderança da recriação da Secção de Arqueologia, que tinha cessado atividade nos finais de década de 1980, o que veio a verificar-se logo em 2003. Cabe salientar, a propósito, a importância de Justino Mendes de Almeida na atividade desta secção, que garantiu a sua própria sobrevivência nos conturbados anos de 1974 e de 1975. Sob a designação genérica *Epigrafia & alia*, ali apresentou interessantes contributos, que tiveram continuidade até 1981, alguns deles em parceria com Fernando Bandeira Ferreira.

E a diferença de idades existente entre nós não impediu que partilhássemos o mesmo entusiasmo, tanto pelos novos métodos de investigação no campo da Arqueologia – porque Justino Mendes de Almeida era um Homem plenamente do seu tempo – como pela admiração dos grandes Mestres, à frente dos quais surgia sempre a figura tutelar de José Leite de Vasconcelos, patrono do Museu Nacional de Arqueologia, à memória de quem ambos organizámos, na Academia Portuguesa da História, em 25 de junho de 2008, uma Jornada Evocativa, cujas Atas vieram felizmente a ser publicadas logo no ano seguinte.

A «evocação de Homens que não podem ser esquecidos», como o nosso homenageado declara em carta que me endereçou, datada de Lisboa de 2 de janeiro de 2006, explica a atenção que conferia a este tipo de efemérides, devendo-se-lhe muitos estudos biográficos ou simples recordações que salientam que, por detrás do Humanista, estava o Homem, e ainda, no que me diz respeito, o Amigo, pois que sempre acompanhou os trabalhos que ia paulatinamente publicando com entusiasmo benévolo. Em carta datada de Benavente, de 17 de julho de 2008, diz: «Não o tenho visto ultimamente com frequência. Sei a razão: é porque está recolhido na investigação e na reflexão. Ainda bem!» E, num P.S., declarou: «Quem me dera poder acompanhá-lo!» Só agora lhe respondo a este desabafo, com a mesma simplicidade que sempre caracterizou a sua escrita, simples e escorreita, como a sua inconfundível e aprumada figura: «Meu Caro Mestre e Amigo, o seu exemplo acompanhará sempre a minha ação!»

Lisboa, 1 de novembro de 2014